

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE INTERVENÇÃO EM PSICOLOGIA ESCOLAR-EDUCACIONAL: ‘IDENTIFICAR-SE: DIVERSIDADE E IDENTIFICAÇÕES EM CURSO’

Nabeau de Araújo Padilha Neto¹
Ingrid Jonária da Silva Santos²
Fernanda Fernandes Gurgel³
Joyce Pereira da Costa⁴

RESUMO

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência de estágio em Psicologia Escolar-educacional em uma perspectiva histórico-cultural, com foco em uma das intervenções realizadas: um ciclo de debates sobre identidade e diversidade com professoras(es) da rede estadual de ensino no interior de um estado do Nordeste. Partindo de questões postas pelo campo de estágio relativas à diversidade, objetivou-se debater sobre identidade, identificações e a diversidade de existências, compreendendo-a de modo mais ampliada e processual: como transformação, algo em constante construção a partir da história de vida (que é subjetiva e social) e dos papéis sociais que são colocados para o sujeito que, em alguma medida, aceita para si e age como tal. Foram realizados três encontros de forma remota e os participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido consentindo a gravação dos momentos para fins acadêmicos. Tais encontros envolveram discussões sobre o conceito de identidade-metamorfose-emancipação; uma dinâmica de identidade Nordestina; e a relação entre diversidade e identidade, sempre partindo de temas disparadores relativos às suas próprias realidades. Para promover a participação, foram utilizados recursos diversos como dinâmicas, poemas, histórias, estórias, vídeos e músicas. De modo geral, foi possível refletir o que elas(es) entendem como papel da(o) professor(a); refletindo como elas(es) foram construindo sua identidade como professoras(es) - a partir das imagens que já tinham sobre como a(o) professor(a) deve agir e do reconhecimento dos outros, e da própria instituição escolar, como tais - como para refletirem sobre como essa visão (sobre seu papel) se relaciona com a forma que ensinam e o que reproduzem com seus fazeres. Por fim, só depois de debater identidade em dois encontros, discutimos diversidade; refletindo que todos tem identidade (não só quem tem uma identidade considerada desviante) e que é nosso papel respeitar e reconhecer a diferença.

Palavras-chave: Psicologia Escolar; Identidade; Papel do professor(a); Diversidade; Práticas Emergentes.

¹ Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, nabeaupadilha@hotmail.com;

² Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, ingridjonaria@gmail.com;

³ Docente do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, fernandafgurgel@hotmail.com;

⁴ Docente do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, joycepcosta@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Este relato versa sobre a intervenção final de uma experiência de estágio obrigatório em Psicologia Escolar-educacional vinculado à Secretaria de Estado da Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer do Rio Grande do Norte (SEEC-RN), atuando no Setor Pedagógico de uma das Diretoria Regional de Educação e Cultura (DIREC). Esta DIREC comporta escolas de ensino fundamental e médio, com 4 delas já funcionando no modelo de ensino integral (3 de ensino médio e 1 do fundamental); contando com um total de 27 escolas e 1 Centro Estadual de Atendimento Especializado, 23 se localizando na zona urbana, com apenas 4 escolas localizadas na zona rural (sendo 1 em comunidade quilombola).

O Setor Pedagógico desta DIREC congrega as(os) assessoras(es) pedagógicas(os), profissionais responsáveis pelo monitoramento e acompanhamento das unidades escolares da Rede Estadual de Ensino Público do Rio Grande do Norte presentes em sua região. Neste setor trabalham a coordenadora e o coordenador pedagógicos que, como o nome supõe, coordenam todas as atividades; duas assessoras pedagógicas que são responsáveis pelas escolas do ensino fundamental; dois assessores pedagógicos responsáveis pelas escolas de ensino médio; além de uma responsável pela parte das bibliotecas, dos livros didáticos e da educação especial e uma supervisora de educação física e assessora do Programa Saúde na Escola (PSE).

Além desses profissionais, uma psicóloga foi contratada no ano de 2023 para realizar o trabalho da Psicologia Escolar-educacional dentro desse estabelecimento. Todas as DIRECs do estado receberam um profissional da Psicologia para compor suas equipes. Esses profissionais infelizmente ainda não são frutos da lei 13.935/2019, não são efetivos, e sim, profissionais temporários contratados por meio de terceirização. Importante pontuar isso, pois esse tipo de contratação leva a uma limitação no trabalho dos profissionais, além da evidente precarização das atividades.

Vale destacar que fomos os dois primeiros estagiários de Psicologia que a instituição recebeu. As primeiras semanas foram marcadas pelos contatos iniciais com os profissionais para conhecimento mútuo e criação de laços; primeiramente “entrevistando” informalmente cada um, entendendo o que faziam. Posteriormente, as conversas pautaram-se em assuntos do dia-a-dia, interesses em comum, sincronia de concepções teóricas críticas e até mesmo pela discordância em determinados temas considerados polêmicos – tais como orientação sexual. Assim, fomos construindo, sobretudo, um espaço de afetos e diálogo, de tal modo que ao passo que fomos fortalecendo nossos vínculos afetivos com a equipe, os profissionais foram

se abrindo cada vez mais e versando sobre suas histórias de vida, projetos de futuro, aflições, dificuldades de atuação, dentre outros aspectos.

Segundo Braz Aquino et al (2020), a experiência de estágio inserida na formação permite a compreensão da realidade existente no ambiente em que se está adentrando, fomentando a construção de conhecimentos e procedimentos metodológicos, bem como uma relação entre teoria e prática que pode favorecer a construção da identidade profissional. Acreditamos também que esta atuação tem o poder de abrir espaços, tanto para que a Psicologia conheça novos campos, como também para que seja conhecida e reconhecida por estes, mostrando suas potencialidades.

Para se pensar o clima escolar tomamos emprestado reflexões da área da Psicologia Organizacional. Tal como empresas, os estabelecimentos escolares são organizações, regidos por leis institucionalizadas de como deve ser a instituição escolar (que é a instituição moderna responsável pela educação, pela comunicação dos conhecimentos sócio-historicamente construídos). Sendo assim, tal como em empresas, os principais responsáveis pelo clima organizacional são os gestores (pessoas em cargos de liderança), revelando a necessidade de se trabalhar os Temas Contemporâneos Transversais (TCTs) com estes mais do que diretamente com os alunos.

Os Temas Transversais foram inicialmente recomendados nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (1996a, como citado em Rio Grande do Norte, 2021) e posteriormente tornaram-se obrigatórios nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) e na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018a). Não obstante, embora o tema de gênero e sexualidade não sejam apontados como prioritários na BNCC, estes são alguns dos temas agregados pelo Referencial Curricular do Ensino Médio Potiguar como relevantes dentro das TCTs (Rio Grande do Norte, 2021).

Embora não seja explicitada a temática de gênero e sexualidade entre os temas propostos na BNCC, este Referencial, por considerar de grande importância o estudo destes, orienta que as escolas os insiram na sua proposta pedagógica, uma vez que dizem respeito à educação inclusiva, direito social direcionado para todas as pessoas, indiscriminadamente, e, por conseguinte, discutam a diversidade, e as singularidades dos diferentes grupos sociais, como o da comunidade LGBTQIA+ (Rio Grande do Norte, 2021, pp. 27).

Nessa direção, cabe resgatar o debate sobre identidade - e a diversidade da existência, a diversidade de identificações que estão em curso, a diversidade do ser - a partir do conceito de Ciampa (1991), entendendo-a como transformação, processo, algo instituinte, mudança, metamorfose. Considerando que nos referimos a um ser que se constitui sócio-historicamente, a identidade e a diversidade devem ser consideradas como algo em constante construção, a

partir da história de vida (que é subjetiva e social) e dos papéis sociais que são colocados para o sujeito que, em alguma medida, aceita para si e age como tal.

Cabe ressaltar que este conceito de identidade, além de decolonial, é legitimamente Brasileiro, nada tendo a ver com conceitos como personalidade - na verdade até se opondo a este em alguns princípios -, não obstante, entendendo a existência humana como algo em produção enquanto se vive, como processo, mudança, metamorfose, como identificações que estão em curso. Em outras palavras, nós construímos quem estamos sendo, onde estamos sendo, tanto a partir do que queremos ser como pelo que não queremos; tanto pelos papéis sociais que decidimos atuar como os que nos são impostos e aceitamos. Ou seja, construímos quem estamos sendo a partir das identificações (que estão em curso).

METODOLOGIA: CONSTRUINDO UMA FORMA DE DISCUTIR IDENTIDADE-METAMORFOSE-EMANCIPAÇÃO COM PROFESSORAS(ES) NO INTERIOR DO NORDESTE POTIGUAR

Como somos dois estagiários com vivências e interesses diferentes, decidimos fazer duas intervenções finais (cada um(a) organizando uma), tanto a partir dos nossos desejos como pelas demandas trazidas pelo campo. Como um de nós é queer - o que agora irá falar em primeira pessoa -, a demanda de falar sobre diversidade vinha me perseguindo - a partir de conversas informais que fui tendo ao longo do estágio com as pessoas que mais interagia, ou seja, sobretudo, com o setor do pedagógico da DIREC - e, então, resolvi a “abraçar”. Contudo, pela nossa perspectiva teórica (já que a diversidade, pela teoria de identidade de Ciampa, não é vista só como uma sigla mas pelo próprio fato de todos os seres humanos serem diversos, serem sujeitos de virtualidades, de possibilidades) e pessoal, não faz sentido falar só sobre as identidades consideradas desviantes; antes dos LGBTQIAPN+ serem consideradas desviantes são seres humanos construindo suas existências. Deste modo, estruturamos os encontros para discutirmos sobre identidade e só depois chegar a diversidade de gênero e orientação sexual.

Justaposto, não faria sentido apresentamos uma intervenção pré-pronta, a ser replicada, contudo, incitar o debate, justamente por entendermos que ser progressista e termos uma visão crítica sobre a realidade imbuí, necessária e constantemente, repensar nossos próprios saberes e nossas próprias certezas; implica necessariamente uma re-leitura de mundo dada não só pelo pela nossa leitura de mundo ou da palavra, como pela re-leitura de mundo das pessoas que estão em volta e portanto emergidas no contexto (na concretude histórica) que demanda uma leitura crítica, sejam orientadoras, familiares e amigos com os quais discutimos o lido, ou seja, com as(os) participantes desse Ciclo de debates. Deste modo,

baseados em conceitos Freireanos, tentamos construir uma prática dialógica, comunicativa, extensionista. Afinal, de quê me serve um conhecimento senão para ser dialogado/comunicado/conversado/discutido/questionado? De quê me serve um objeto do conhecimento que não provoque, em mim e nos outros, sempre, uma re-leitura crítica (pois esta se faz necessária; como diria Freire, a mudança é um imperativo humanista) da palavra e do mundo?

Isto posto, para tentar atender a demanda e utilizar conhecimentos que de fato aprendi (sobre identidade e sobre dinâmicas grupais), construímos uma intervenção sobre identidade em estilo de “Ciclo de Debates”; com 3 encontros e várias dinâmicas.

Sendo assim, no 1º encontro foi apresentado, com apoio de recursos visuais, o conceito de Ciampa de Identidade, que é construído em cima do sintagma Identidade-metamorfose-emancipação, que entende a mesma como uma constante construção que se dá a partir relações pessoa-ambiente em curso. Logo, todos temos identidades, todos vamos nos identificando com formas de existir, não só quem tem identidades (no caso, de gênero ou orientação sexual) consideradas desviantes. E todos estamos em constante construção de si, logo, somos mudança.

Deste modo, pensamos em fazer os encontros de forma remota, pelo “google meet” (site que os próprios funcionários desta DIREC costumam utilizar) levando em consideração que já fizemos uma intervenção nesse formato e professoras(es) de outras cidades agradeceram e relataram que quando é presencial não conseguem participar.

Decidimos, então, que a intervenção se daria por meio de um “Ciclo de Debates”, intitulado “Identificar-se: diversidade e identificações em curso”. Sendo o ciclo composto, a priori, por 3 encontros quinzenais - para as/os participantes terem tempo de pensar sobre o debatido e questionar-se, bem como para não sobrecarregar as(os) participantes dos encontros.

Contudo, devido a muitas demandas do semestre e do próprio campo de estágio, bem como das/dos inscritos no Ciclo de Debates, acabou não acontecendo assim. Os dois primeiros encontros foram em semanas seguidas e o 3º encontro precisou ser remarcado duas vezes (algo decidido por votação no grupo do whatsapp, a partir de demandas das(os) participantes), tendo sido o único com espaçamento maior. Inclusive, apenas o 1º encontro aconteceria de forma remota, no planejamento inicial; mas pelo mesmo motivo supracitado, todos os três encontros precisaram acontecer de forma remota. Pontuamos essas mudanças justamente porque, apesar de a priori termos idealizado como seria a execução do Ciclo de Debates, surgiram necessidades de adaptação (tanto nossas como das(os) participantes) e

perante estas, baseados em Paulo Freire, tentamos sempre tomar a escolha democrática de consultar as/os participantes de modo a adaptar a execução à nossas realidades.

Decidido a temática da intervenção, que foi apresentada ao coordenador e à coordenadora do Setor Pedagógico da DIREC, pensamos então sobre o público-alvo. Entendendo o papel do espaço que estávamos inserido (de orientar as 27 escolas estaduais da região do Trairi) e o potencial multiplicador da docência, escolhemos como público-alvo desta ação as(os) professoras(es) da disciplina Projeto de Vida (que já tínhamos tido contato na intervenção do semestre anterior) e coordenadoras(es) das escolas; até mesmo pelo papel hierárquico da(o) professor(a)/coordenador(a) e sua consequente influência na cultura organizacional das escolas. Sendo assim, esse Ciclo de Debates foi ofertado como uma ação de formação continuada disponibilizada pela DIREC, com apoio dos estagiários de Psicologia Escolar-educacional.

REFERENCIAL TEÓRICO

O principal referencial utilizado para pensar o Ciclo de Debates foi o conceito de Ciampa de Identidade, que se dá a partir do sintagma Identidade-metamorfose-emancipação, que entende a mesma como uma constante construção (de si) a partir da nossa relação com o meio ambiente/sócio-cultural; sendo assim, se todos estamos em constante construção de si, logo, entende-se que somos mudança, processo, metamorfose, somos um constante vir-a-ser humano (constante virar si) historicamente concretizado no aqui e agora.

Na realidade, dentro do sintagma proposto por Ciampa, a mudança é algo imperativo, a metamorfose é constante; podendo o indivíduo apenas forjar uma aparência de não mudança a partir da constante reposição de um mesmo personagem aparentemente estático e inautêntico, o que Ciampa vai chamar de “mesmice” (Dantas, 2017, p. 5). Nesse mesmo sentido, a reflexão que Silvia Lane traz sobre o conceito de identidade de Ciampa, ao colocá-la como “identidade-metamorfose”, é o imperativo da mudança. “Chega à identidade como metamorfose desvendando a ideologia da não transformação do ser humano como condição da não transformação da sociedade” (Lane, 1993).

Vale destacar que a reposição da mesmice - ou seja, a aparência de não mudança - pode se dar tanto devido a condições interiores do indivíduo (fetichismo da personagem) como também devido a condições exteriores (por exemplo, por condições materiais que limitam o potencial de metamorfose dos indivíduos, como a falta de acesso a espaços e saberes, ou a falta de cidadania e/ou autonomia). Dessa forma, Ciampa (1987/2009, como citado por Dantas, 2017) propõe que no processo de identidade-metamorfose, o indivíduo busque não a re-posição da mesmice e sim uma mesmidade - buscar novas possibilidades de

existência, novas identificações que a humanizem, novas possibilidades de atuação -, um "processo de busca de transformação do indivíduo" (Lara & Lara, 2017, p. 5).

De modo que, a partir desta leitura de identidade de Ciampa, onde estamos sempre em constante metamorfose (mesmo que não aparente), o mais saudável é buscarmos a mesmidade; buscarmos a mudança guiada por nossos interesses; buscarmos a re-existência de uma forma que nos humanize; buscarmos, a partir das nossas re-existências, dos nossos papéis sociais, a emancipação de fragmentos dos nossos personagens, a emancipação de fragmentos de si. O que me lembra, em muito, a prática pedagógica proposta por Freire, soldando a leitura da palavra a uma re-leitura crítica do mundo “falar do dito não é apenas redizer o dito, mas reviver o vivido que gerou dizer o que agora, no tempo do redizer, de novo se diz. Redizer, falar do dito, por isso envolve ouvir novamente o dito pelo outro sobre ou por causa do nosso dizer” (Freire, 2022, p. 23); portanto, redizer pode significar re-viver criticamente o vivido, o dito e o ouvido.

Salienta-se ainda que, embora a teoria de Ciampa seja brasileira, como qualquer cientista, ele se baseou em muitas(os) outras(os) autoras(es). De modo que, quando Ciampa fala de mesmice, este está baseando-se nos estudos de Goffman sobre como pessoas estigmatizadas acabavam cabendo dentro do estereótipo que lhes são impostos, fenômeno esse que Ciampa intitula de “política de identidade” (Dantas, 2017, p. 2-4). Embora Goffman estudasse grupos específicos de pessoas estigmatizadas, Ciampa amplia o conceito para demonstrar que a todos nós são impostas formas de existir a partir dos nossos papéis sociais (seja a partir do gênero, da sexualidade, trabalho, profissão, formas de agir e interagir institucionalizadas e etc.).

Quanto ao fetichismo do personagem, esse se dá quando o sujeito acredita que tem que existir de tal forma, mesmo não sendo o seu desejo. Esta crença é um tema caro a ser trabalhado ao se pensar o projeto de vida tanto a partir de Ciampa como de Paulo Freire, de modo que possamos atuar no sentido de auxiliar na construção de identidade-metamorfozes voltadas para a emancipação dos sujeitos.

Esses movimentos de metamorfose podem levar a fragmentos de emancipação, que proporcionam para o indivíduo maior proximidade ao desejo de “vida boa”, que Habermas (1987) define como uma vida escolhida de ser vivida de forma autônoma, por um processo de escolha não-coercitivo (Dantas & Ciampa, 2014, p. 139).

Sendo assim, Ciampa coloca que só podemos aparentar não mudar a partir da cristalização de um personagem inautêntico, o que ele chama de “mesmice”. Trazendo essa reflexão para o que é ser professor(a), o perigo da mesmice está na cristalização de uma visão sobre o papel da(o) professor(a) que - em vez de reconhecer a(o) educanda(o) e a(o)

educador(a), em relação, enquanto sujeitos capazes de realizar esse processo/metamorfose da aprendizagem, logo, de re-leitura da realidade, servindo à comunicação dos conhecimentos sócio-historicamente construídos - reduz-se a uma visão bancária que vê os alunos como vasos vazios aos quais a(o) educador(a) vai depositar todo conteúdo, sem fazer a partir do diálogo, do reconhecimento do educanda(o) enquanto um sujeito capaz de conhecer. “No fundo, o que quero dizer é que o educando se torna realmente educando quando e na medida em que *conhece*, ou vai conhecendo os conteúdos, os objetos cognoscíveis, e não na medida que o educador *vai depositando* nele a descrição dos objetos, ou os conteúdos” (Freire, 2022, p.65).

Deste modo, para debater esses temas com professoras(es) se mostra imprescindível discutir suas próprias facetas, suas identidades, antes de discutir as identidades e orientações sexuais consideradas desviantes. Discutir, por exemplo, o que elas(es) entendem como papel da(o) professor(a); o que pode servir tanto para elas(es) perceberem como foram construindo sua identidade enquanto professoras(es) - a partir das imagens que elas(es) já tinham sobre como a(o) professor(a) deve agir e do reconhecimento dos outros, e da própria instituição escolar, como tais - como para refletirem sobre como essa visão (sobre seu papel) se relaciona com a forma que ensinam e o que reproduzem com seus fazeres.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como supracitado, o 1º encontro foi norteado pelas discussões suscitadas na/pela explicação do conceito de Identidade-metamorfose-emancipação. Contudo, para além do conceito, tentamos discutir de forma que incitasse a participação e, para isso, levamos muitos exemplos práticos de como uma pessoal “normal” (considerando normalidade como um padrão construído sócio-historicamente de como nosso modelo de sociedade espera que as pessoas vivam) construía alguns dos seus personagens (como o de filha(o), mãe/pai, neta/neto, estudante, mulher/homem, professor(a), etc.), seus papéis sociais.

Levando em conta que foi um encontro remoto, com pessoas que até então eram desconhecidas, e com dinâmica de apresentação de slides, consideramos que a participação desse primeiro encontro foi excelente! No fim do primeiro encontro, foi explicado como seria a dinâmica do 2º encontro e pedimos que, como citado, trouxessem algo; fosse uma música, um poema, um livro, uma foto, uma estória, uma história, um objeto, uma planta, enfim, qualquer coisa que ela(e) atrele a sua identidade enquanto nordestina(o).

Já no 2º encontro trabalhamos com a dinâmica de Identidade Nordestina, uma dinâmica muito interessante criada em um grupo de estudos que fazemos (os então estagiários) parte - o Núcleo de Estudos Ambientais e Interações com as Ruralidade (NAIR). Ela é parecida com a

Tenda do Conto⁵, sendo que em vez dos ditos da Tenda do Conto, aqui se utiliza da pergunta mote “O que é ser Nordestina(o) para você?”, e pede-se para as pessoas trazerem algo que represente tal identidade/identificação para si.

A dinâmica consiste, primeiramente, em cada um(a) contar um pouco sobre como se identifica com o ser Nordestino. É comum que, quanto mais pessoas participem, mais se diversifique a maneira que as pessoas se identificam. Vão aparecendo identificações ligadas a puramente ter nascido no território, outras ligadas a seu modo-de-vida/trabalho, outras ligadas a um Nordeste inventado - como muito bem disserta Durval sobre, em “A Invenção do Nordeste e Outras Artes” -, umas carregadas de muitos afetos positivos, outras de recusa, etc. De modo que as próprias exposições já serviram para se refletir que não tem só uma forma de ser algo, e que não tem critérios que definem a identidade, que possam determinar quem o sujeito é, há não ser a própria identificação (tanto auto-identificação como a dos outros sobre nós); trazendo para centralidade a visão não natural do que somos, desvelando como o que somos é uma construção coletiva (logo, sociohistórica) e diz respeito a nossa própria identificação - cujo papel dos outros é respeitar e reconhecer.

Além de suscitar muitas memórias, nenhum dos participantes (nem mesmo a/o mediador/a haha) conseguiu trazer apenas uma coisa para tentar definir o que significava ser nordestina(o) para si. O que foi um dos pontos de reflexão que usamos como exemplo para dizer que nós somos muitas identificações em curso; que não dá para nos definir só com rótulos pois nós somos tudo o que estamos sendo, tudo o que vivenciamos, tudo o que aprendemos, tudo o que gostamos e o que não gostamos também. Somos múltiplos, multifacetados e em constante metamorfose, em constante processo de aprendizagem; como um participante colocou, “somos metamorfoses ambulantes”. E, assim sendo, só conseguimos atuar a nossa existência para os outros, e deste modo, tornar-se ambiente para estes, tornar-se personagem, tornar-se o outro do outro.

O 3º (e último) encontro foi para debatermos sobre a relação entre identidade e diversidade; e também o encontro que conversamos sobre algumas questões relacionadas a identidade de gênero e orientação sexual.

Conversamos sobre a sigla LGBTQIAPN+, explicando-a e sanando dúvidas gerais sobre questões como as diferenças entre diversidade de gênero e expressão de gênero. Destacamos uma reflexão que voltou algumas vezes e diria que é um dos ensinamentos centrais que tentamos construir neste encontro, que é a forma de lidar com a diversidade de

⁵ Consultar Gadelha (2015, P. 43-49), em sua tese de doutorado.

existências humanas; que o mais adequado a se fazer é perguntar e caso/quando errar se desculpar e corrigir, sem desistir de aprender a respeitar a existência do outro.

Que isso significa aceitar que se é humano. Aceitar que para se fazer uma metamorfose é necessário um tempo de casulo, é necessário um processo de ensino-aprendizagem. E, como muito bem nos apresenta Freire em *Pedagogia da Esperança* (2022, p. 38-39), este processo não é algo retilíneo, não se aprende nada do nada; deste modo, “o educador ou a educadora progressista, ainda quando, às vezes tenha de falar ao povo, deve ir transformando o *ao* em o *com* o povo. E isso implica o respeito ao ‘saber de experiência feito’ de que sempre falo, somente a partir do qual é possível superá-lo”. Se trabalha com algo que já se sabe, para poder se acrescentar novas informações, novas leituras; e se volta ao conhecimento várias vezes até ele ser entendido (e não apenas decorado) e re-sentido de diversas formas. Demanda, tanto da(o) educador(a) quanto da(o) educanda(o), tempo, interesse e re-leitura de mundo, demanda querer conhecer/entender o outro e o mundo.

É importante destacar que aceitar o ‘aqui’ e ‘agora’ da(o) educanda(o) não significa a(o) ver como incapaz, destarte “significa reconhecer-se como sujeito que é capaz de conhecer e que quer conhecer em relação com outro sujeito igualmente capaz de conhecer, o educador e, entre os dois, possibilitando a tarefa de ambos, o objeto de conhecimento” (Freire, 2022, p. 65).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos encaminhando para a finalização, consideramos interessante destacar uma das reflexões fundamentais desta dinâmica aqui relatada, que vem da certeza política (sócio-historicamente localizada, como não poderia deixar de ser) de que se um estabelecimento qualquer, em nosso aqui e agora, se basear apenas nas suas normas instituídas (logo, sócio-historicamente construídas) na execução de suas práticas (ou seja, sem sempre repensar suas práticas a partir de fundamentos críticos de re-leitura da realidade) ele necessariamente falhará no seus propósitos de transformação social, mesmo quando estes estiverem teoricamente instituídos. Pois, para se ter uma instituição qualquer que vise a transformação social esta necessariamente tem de ser de base democrática, logo, tem de ser instituinte, tem que ser construída institucionalmente com a flexibilidade necessária aos processos democráticos que nada tem haver com a burocratização da institucionalização das instituições criadas pelo nosso Estado moderno, que é um Estado colonizador - logo, necessariamente não universalizante, mas cerceador do direito de ser de alguns corpos, os racializados -, como lucidamente nos aponta Fanon em “Os Condenados da Terra” (2022, p. 10-14).

Ademais, concateno que ao final do ciclo foi enviado às/aos participantes um formulário do google de devolutiva/feedback. De modo que, quando questionados/as sobre o que mais gostaram dos encontros, uma das pessoas respondeu "trocas de experiências, interação espontânea, contextualização do tema", enquanto outra mencionou "Os Exemplos citados ao longo dos encontros para uma melhor compreensão e reflexão. principalmente no encontro de Identidade Nordestina onde cada pessoa trouxe algo, o que levou a uma rica discussão da nossa Cultura e Identidade". Todas(os) avaliaram positivamente a utilização de recursos midiáticos (tais como músicas, curtas-metragens, vlogs do YouTube, etc.), assim como as vivências/dinâmicas. Além disso, todas(os) responderam positivamente quando questionadas(os) se as discussões incitadas pelo/no ciclo de debates as/os fizeram refletir sobre seu papel enquanto professor(a), com respostas como: "me conscientiza no sentido de encarar com naturalidade e acolher esta "nova" conjuntura social na sala de aula" e "creio que já venho trabalhando identidade, principalmente na disciplina de projeto de vida, mas, é um incentivo para continuar trabalhando".

REFERÊNCIAS

- Braz Aquino, F. d. S., Nascimento, G. O., Almeida, H. O., & Alexandrino, V. d. C. (2020). Psicologia escolar na educação infantil: Proposições teóricas e metodológicas para a atuação profissional. **Psicologia escolar crítica: Atuações emancipatórias nas escolas públicas**. Alínea.
- Ciampa, A. D. C. (1991). **Identidade: as categorias fundamentais da Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense.
- CFP. (2019). **Referências técnicas para a atuação de psicólogas(os) na educação básica**. CREPOP.
- CFP (2019). **Psicologia e Serviço Social na Educação Básica: Lei 13.935/2019**. <https://site.cfp.org.br/publicacao/cartilha-Psicologia-e-servico-social-na-educacao-basica-a-lei-13-935/>
- CFP . (2022). **Senado aprova criação do sistema nacional de educação com emenda que contribui com a efetiva implantação da lei 13.935 - CFP**. CFP. <https://site.cfp.org.br/senado-aprova-criacao-do-sistema-nacional-de-educacao-com-emenda-que-contribui-com-a-efetiva-implantacao-da-lei-13-935/#:~:text=A%20Lei%20n%2013.935,%20de,definidas%20pelas%20políticas%20de%20educação.>
- Dantas, S. S. & Ciampa, A. C. (2014). **Projeto de vida e identidade política: um caminho para a emancipação**. Revista de Psicologia, 5(2), 138-152.
- Dantas, S. S. (2017). **Identidade política e projetos de vida: uma contribuição à teoria de Ciampa**. Psicologia & Sociedade, 29: e172030. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29i172030>

- Dutra-Freitas, R. A., & Marinho-Araújo, C. M. (2020). **Inovações metodológicas em Psicologia escolar: Pesquisa -intervenção e formação continuada.** *Psicologia escolar crítica: Atuações emancipatórias nas escolas públicas*. Alínea.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022. 335 p. ISBN 9788577534197
- Gadelha, M. J. A. (2015). **Artes de viver: a tenda do conto: recordações, dores e sensibilidade no cuidado em saúde**. 2015. 216f. [Tese de Doutorado em Ciências Sociais - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/20571>
- LANE, Sílvia TM. Prefácio. In: CIAMPA, Antonio da costa. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.
- Lara, N., & Lara, A. P. S. (2017). **Identidade: colonização do mundo da vida e os desafios para a emancipação.** *Psicologia & Sociedade*, 29: e171283. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29171283>
- Rio Grande do Norte (2021). Secretaria de Estado da Educação e da Cultura. Coordenadoria de Desenvolvimento Escolar. Subcoordenadoria de Ensino Médio. **Referencial Curricular do Ensino Médio Potiguar**. Natal: SEEC.
- SEEC. (2022). **Monitoramento da Educação**. Secretaria de Estado de Educação do Rio Grande do Norte. <https://sigeduc.rn.gov.br/sigeduc/public/transparencia/pages/ensino/estudantes.jsf>